

# Josefina materialista, Josephine Iron

Gabriel Fernandes de Miranda  
Vinícius Ximenes<sup>1</sup>

## I. Uma ou duas Josefinas

52

Nosso texto se propõe como contraponto às leituras que associam o pensamento de Josefina Ludmer em seu último livro (*Aquí América Latina: una especulación*, de 2010) a um infeliz abandono da crítica que teria como consequência uma posição conivente com o modo de funcionamento do capitalismo em sua fase neoliberal, caracterizada pela desregulamentação das legislações trabalhistas e pela exploração de um multiculturalismo esvaziado de desejos de transformação estrutural da sociedade. Ao buscarmos enfatizar a longa relação de Ludmer com modos de ler vinculados ao materialismo histórico, pretendemos deslocar o eixo da crítica: nos afastando inicialmente de questões relativas à indústria cultural enquanto espaço de circulação dos discursos, buscamos destacar outras relações - de certo modo, estruturais - entre literatura e economia ou entre literatura e aparelhos de Estado; articulações que, como já propuseram, por exemplo, Analía Gerbaudo (2013) e Mariana Catalín (2020), são características dos trabalhos anteriores de Ludmer.

---

<sup>1</sup> Doutorandos em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense com bolsa CAPES. Integram o grupo de pesquisa (CNPq) Pensamento Teórico-Crítico sobre o Contemporâneo, coordenado por Diana Klínger e Celia Pedrosa.

A bibliografia que cobre as diferentes reações e críticas às provocações das *literaturas postautónomas* lançadas via internet em 2006/2007 é extensa e, inclusive, antecede a publicação, em 2010, do livro (*Aquí América Latina*) que acolhe aquelas especulações de Ludmer e que explicita alguns de seus pressupostos teóricos. Acreditamos que uma leitura mais dialógica das notas sobre a pós-autonomia com o restante do livro ajuda a escutar os ecos materialistas ali. Não somos, vale dizer, inovadores ao propor que, para além dos problemas historicistas de uma reflexão que se insinua “pós-”algo, há sim algo mais a ser discutido nesse “abandono da autonomia”<sup>2</sup> e no impasse que decorre daí - que poderia ser traduzido em uma ou duas perguntas: como situar o trabalho com o material literário na economia?; o gesto, em si, já não é uma abdicação da *crítica* da economia política? Wanderlan Alves (2020, 2021) tem se dedicado a revisar essa bibliografia crítica e a buscar as implicações do posicionamento “dentro e contra” proposto por Ludmer, diferenciando-o de uma adesão acrítica ao funcionamento do capitalismo contemporâneo e reconsiderando sua operação “em tempos de radicalização neoliberal”, terreno em que também situamos estas nossas notas. Vale lembrar, além disso, que a história dessa controvérsia passa pelas páginas desta mesma revista *Landa*, que propôs e hospedou em 2013 o dossiê “A questão da pós-autonomia”. Naquele número, a associação da perspectiva de Ludmer a uma insuficiência crítica em relação ao neoliberalismo aparece sugerida em artigos de Martín Kohan e Tiago Guilherme Pinheiro. Mas em uma edição posterior da *Landa*, do ano seguinte, encontrávamos também a tradução de um texto de intervenção de Ludmer em que ela propunha ler a conjuntura argentina de 2001-2002 (de revolta contra o neoliberalismo, dos piquetes e do *que se vayan todos*) em diálogo com o pensamento do filósofo Paolo Virno e a retomada da categoria spinozista de Multidão: no gesto de incluir aquela tradução nas páginas da revista, *Landa* nos apontava, já, para uma outra entrada no

---

<sup>2</sup> A noção de "abandono" como modo de pensar a saída da autonomia foi sugerida por Raúl Antelo e retomada no verbete "Pós-autonomia" do *Indiccionario do contemporâneo*, como um "regime de leitura que implicaria o abandono das categorias tradicionais de análise e da noção de valor literário, um modo de ler que colocaria o texto literário de qualquer categoria em igualdade com outros discursos, escritos ou não, e deslocaria seu foco do fenômeno literário para o que Ludmer chama de 'imaginação pública'." (PEDROSA et. al., 2018, p. 166).

debate - que talvez tenha sido menos discutida do que merecia, e que retomaremos aqui.

Passada uma década, a crítica de maior destaque a *Aquí América Latina* talvez seja ainda a de Miguel Dalmaroni (2010), publicada no *Bazar americano* logo que o livro veio ao mundo. A ela voltaremos, ressaltando que um de seus pontos mais interessantes estava exatamente em confrontar esses pressupostos - de, digamos, teoria política ou filosofia política -, discutindo as implicações de uma ênfase no “trabalho imaterial” para a situação latino-americana; ou seja, discutindo - em termos ácidos - o vínculo (se frágil ou consistente, pouco importa neste momento) do pensamento de Ludmer com o materialismo histórico.

Os rumos do debate, até aqui, quase sempre escolheram como eixo duas noções de *autonomia* derivadas ou da reflexão sobre a “autonomia da obra de arte” (próxima ao pensamento de Theodor Adorno), ou da “autonomia do campo” literário (de Pierre Bourdieu). E ambas, vale enfatizar, têm um lastro explícito no pensamento de Marx, ancorando-se na crítica da reprodução da sociedade capitalista, em seus aspectos ideológicos e simbólicos. Assim, quando Ludmer resolve marcar a falência *destas* teorias da autonomia, declarando que já não dão mais conta do presente, ela se coloca como alvo das defensoras destas perspectivas e de seus modos de analisar a relação entre estética, economia e política. Um primeiro ponto a ser destacado, então, é que as indicações de que Ludmer se tornou *convivente* com o neoliberalismo são, em grande medida, alinhadas a algum tipo de defesa *destes* dois modos específicos de pensar a relação entre literatura e Capital, e, conseqüentemente, de como pensam a tarefa da crítica.

Mas por que poucas críticas - as já citadas Catalín e Gerbaudo são dois exemplos - se dedicaram a ver *qual* vínculo existe entre a última Ludmer e seus posicionamentos anteriores? Há um abandono deliberado do materialismo por parte dela, ou é a crítica que não busca o tipo de análise material subjacente à sua proposta? O posicionamento contra o “pensamento das esferas”, que ela atribui a Bourdieu, por exemplo, não é feito a partir de *Mil Platôs*, livro de Deleuze e Guattari que leva no título nada menos que “Capitalismo e esquizofrenia”? E se há, portanto, um envolvimento com outras teorias do capitalismo, não seria importante discutirmos mais

detidamente os seus pressupostos? As razões pelas quais o estudo desse vínculo foi deixado em segundo plano são difíceis de determinar, mas há entradas abertas. Além da confrontação de Dalmaroni (que, apesar de avaliar muito negativamente o diálogo teórico “estrangeiro”, reconhece haver em *Aquí América Latina* um desejo de *pensar* a relação entre literatura e economia em termos materialistas, e em atualizá-los), há ao menos mais um registro da importância de pensarmos novamente no vínculo, deixado por Raúl Antelo (2018, p. 241), que - em um texto primeiro apresentado na UFSC e depois republicado como posfácio ao *Indiccionario do contemporâneo* - propôs percebermos Ludmer como “herdeira” do “debate italiano sobre a autonomia”, que é, ele ressalta, um debate de teoria e ação política - do qual participa o já citado Paolo Virno.

Se a questão pode, então, ser enfocada à luz da *interpretação* que o movimento da *Autonomia operaia* fazia da dinâmica de acumulação capitalista nos anos 1960 e das *estratégias* elaboradas para sabotar esse domínio e valorizar a classe operária, um primeiro desdobramento faltante no debate pode ser viabilizado se investigarmos melhor como - em que pontos - a “pós-autonomia” de Ludmer se liga ao que as teorias operaístas passaram a pensar (em termos de interpretação e de estratégia) *depois da derrota da Autonomia*: depois da repressão total às revoltas operaístas em 1977, quando o movimento foi desarticulado e seus militantes foram para a prisão ou para o exílio. Qual a relação entre a reflexão performativa de Ludmer sobre o valor em termos de pós-autonomia e a análise do valor feita pelo chamado *postoperaismo* - para quem o terreno de antagonismo deixa de ser o chão da fábrica e passa a ser a rede comunicacional das metrópoles globalizadas? O texto de Antelo nos deixa o fio, mas, vale dizer, termina também com uma espécie de desconfiança de uma indiferenciação cultural que nivela todas as produções com a medida da mercadoria.

Um dos nossos objetivos aqui, então, é repuxar esse fio em direção a uma leitura menos autônoma do pequeno manifesto das *literaturas postautônomas*, “tributário de certa vertente neo-vanguardista argentina” (WOLFF, 2016a, p. 43), destacando como ele se reencena na seção *Territorios* do livro em que foi publicado, ao lado de notas especulativas sobre um “*território da língua*”. Ao se colocar ali “Em busca de territórios

do presente”, Ludmer traçava um roteiro rico para pensar o capitalismo contemporâneo a partir do solo do continente, montando uma série que inclui os detetives de Roberto Bolaño, máfias, feminicídios, narcotráfico, o trabalho forense com desaparecimentos forçados nas ditaduras militares e as demandas dos Mapuche por demarcação - incluindo, junto disso, a consideração de novas tendências fundiárias no território latino-americano, como a concessão não apenas dos solos, mas também dos subsolos, para exploração transnacional, numa conjuntura que permitia ver a soberania do Estado-Nação em reconfiguração. Há naquelas páginas, portanto, uma relevante discussão da já tradicional questão latino-americana da *dependência* econômica e da crítica do *Imperialismo*, e uma tentativa de atualização dessa discussão nos termos de um “Império”, perspectiva que Ludmer traz do pensamento de Antonio Negri e Michael Hardt, título de seu *best-seller* de 2000, e livro de referência do movimento alter-globalização daqueles anos. A seção final de *Aquí América Latina* propõe dois movimentos - “Da nação à língua” e “Da língua ao império” - vinculados à economia, à precarização do trabalho, à migração e ao novo lugar da língua na acumulação do Capital. É para esses dois movimentos que procuraremos lançar aqui um olhar, enfatizando o tanto de materialismo histórico que circula ali. Se é verdade que não há muitas referências bibliográficas evidenciadas em *Aquí América Latina*, há sim rastros das suas leituras - e não podemos dizer que, fora do livro, Ludmer não as tenha deixado detalhadas e disponíveis para quem pesquisa: em seu site, ativo até hoje, cinco anos depois de sua morte, há uma seção bibliográfica “descartes de Aquí América Latina”; seu canteiro de obra está lá.

Nosso movimento toma como marco um evento específico: a publicação, em 2017, de *Las aventuras de la China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara<sup>3</sup>, livro que propõe um jogo com outro trabalho de Ludmer, de 1988: *El género gauchesco. Un tratado sobre la patria*. Lido ao lado de *Aquí América Latina*, o que o livro de Cabezón Cámara nos permite ver,

---

<sup>3</sup> Devemos a Ieda Magri a divulgação deste livro no Brasil antes mesmo de sua tradução ao português (Belo Horizonte: Moinhos, 2021). A conversa que dá a partida para nossa reflexão compartilhada aqui se desenrolou do trabalho final de um de nós para um curso de Magri na Pós-Graduação em Letras da UERJ em 2019, que incluía na bibliografia o livro de Cabezón Cámara.

bem longe (mas bem perto) da questão da pós-autonomia, é que os elos centrais do tratado sobre a pátria não foram abandonados por Ludmer. O eixo daquele tratado se situava na relação entre os *usos dos corpos* dos gaúchos para o trabalho na acumulação internacional do Capital e os *usos das vozes* dos gaúchos na proposta de aliança das oligarquias letradas locais, argumentando que, portanto, a gauchesca seria constitutiva da autoimagem do Estado liberal argentino - relação esta que Ludmer, vinte anos depois, proporia dilatar para outras formações históricas da literatura do continente. Nesse sentido, ainda que as narrativas mobilizadas na especulação sobre as literaturas pós-autônomas sejam posteriores à crise da representação na antropologia e a uma virada da própria subjetivação literária, que se coloca mais próxima do registro etnográfico-documental, sem representar um *outro*, e que se distingam, portanto, da aliança de vozes, ou seja, apesar da diferença de *material*, ambos os livros se implicam por uma perspectiva que podemos muito bem associar a um internacionalismo proletário: as economias nacionais são referidas às dinâmicas transnacionais do Capital, a nação é atravessada pela transnacionalidade, as línguas e os gêneros formam comunidades e se transformam. Quais os pontos de interseção? Em *Las aventuras*, a releitura do arquivo da poesia gauchesca é feita com uma personagem-guia, a China Josephine Star - nome declaradamente inspirado no de Ludmer (CÁMARA, 2020) -, que coloca em movimento todos esses atravessamentos materialistas - somados a uma inflexão transgênero. Seguiremos a pergunta, então, com elas, começando por um rascunho biográfico das duas Josefinas.

## II. Três episódios na vida da viajante Iris

Em suas *Três histórias com Piglia*, Ieda Magri nos dá um testemunho de como as publicações recentes de livros de Ricardo Piglia e Tamara Kamenszain - os *Diarios de Emilio Renzi* e *El libro de Tamar* - podem contribuir para ampliar, aqui no Brasil, nossa percepção das várias assinaturas e consignas de Josefina, talvez bem mais óbvias para o público argentino: Josefina foi também Iris, seu primeiro nome, com o qual ela assinou textos para revistas e trabalhos de tradução, e nome pelo qual

Ricardo Emilio Piglia Renzi a chamava em cenas de intimidade, quando formaram um casal. China era seu apelido. Os vocativos se alternavam.

Uma investigação do materialismo como posição teórica na trajetória de Iris Josefina poderia começar por sua formação na Universidad Nacional del Litoral, campus Rosario. Quando decide ir à Universidade, Ludmer se muda de Córdoba e ingressa no curso de Filosofia, que dividia com o de Letras um ciclo básico comum. Logo muda para este último, onde tem aulas com uma série de professores integrantes da revista *Contorno*, David Viñas, Ramón Alcalde e Noé Jitrik, que iam semanalmente de Buenos Aires a Rosario para lecionar, se juntando a outros locais, como Adolfo Prieto.

Além de serem considerados responsáveis por uma politização agonística dos estudos literários argentinos, discutindo as estratégias de valoração de um modo distanciado da estilística e da filologia, mais próximo à sociologia, mas sem abrir mão de um trabalho detido com os textos, alguns deles também participariam de derivas políticas além da Universidade, integrando, em 1958 (ano em que Ludmer ingressou na UNL), a aposta na campanha eleitoral de Arturo Frondizi - o candidato da Unión Cívica Radical apoiado pela ala pró-peronista após o golpe de 1955, a exclusão do Partido Justicialista, a destituição e o exílio de Perón.

As pautas da época eram comuns aos dilemas do latino-americanismo: as do desenvolvimentismo nacional-popular e da soberania anti-imperialista. Frondizi havia conseguido atrair a intelectualidade de esquerda ao publicar, ainda em 1954, durante o governo de Perón, um livro - *Petróleo y Política* - que defendia uma posição crítica das concessões de Perón à exploração do território argentino por empresas estrangeiras. Alguns professores-críticos de *Contorno* compuseram a equipe da campanha, e uma vez eleito seu candidato preferido, Jitrik e Alcalde ocupariam postos locais ou nacionais naquela aliança de governo. Mas a aventura durou pouco: Frondizi não sustentou a radicalidade prometida, passou a defender as concessões do petróleo em nome da *realpolitik*, e - para piorar - aprovou uma lei em que flexibilizava a diretriz de uma educação pública e laica, autorizando instituições privadas de educação religiosa, atingindo assim um valor inegociável para seus apoiadores

intelectuais: o grupo logo se pôs a discutir sua traição das agendas de campanha, devolução dos cargos e passagem à oposição.

Ramón Alcalde, esposo de Ludmer à época, participaria, inclusive, na formação do MLN, Movimiento de Liberación Nacional, aproximando-se da ala radical do peronismo liderada por John William Cooke, que em 1964, no congresso argentino, discutiu retrospectivamente a legitimidade da temporária aliança dos Peronistas com Frondizi, enfatizando que a questão do petróleo e da soberania nacional era central: a transcrição daquele depoimento no congresso, antecedida por um prefácio, formou um bloco que depois seria publicado como *Peronismo y petróleo*.<sup>4</sup> David Viñas, mais afastado dessas derivas institucionais, preferiu elaborar literariamente - sarcasticamente - a aventura fracassada em seu premiado romance *Dar la cara*, de 1962:

59

al fin un político que entendía el país y tenía libros en su casa (...) Libros y realidad: la síntesis esperada durante años. Cultura y eficacia. ¡Qué bien! Y esa tarde en que lo visitaron en su departamento para ofrecerle su apoyo, habían ido con un grupo de muchachos que por primera vez se ocupaban de política. Hay que abrir el gran debate argentino, les había dicho ese hombre. Un Roosevelt que conocía a Lenin, la síntesis de libros y alpargatas, y unitarios y federales. (VIÑAS, 1975, p. 48-9).

Pouco depois, Ludmer conclui sua graduação, assume como assistente na UNL e logo sai da Universidade na renúncia coletiva que sucedeu o golpe de 1966. Com estes fragmentos de biografia, podemos especular até que ponto a proximidade com o experimento governamental de seus professores - e com sua desilusão, seguida de golpe - marca a Ludmer dos 60 e sua (ambivalente) (des)confiança ou (falta de) fé na via institucional.

A digressão do petróleo deixa ao menos uma marca. Tantos anos depois, em *Aqui América Latina* - justo na seção em que marca a passagem teórica “da nação à língua” e “da língua ao império”-, nos instigando a especular “com outra biopolítica”, Ludmer (2013, p. 154) lançaria uma

---

<sup>4</sup> Em 1997, Ludmer recordaria aquele tempo nos seguintes termos: "Eu nunca me envolvi de um modo direto, mas acompanhava Ramón. Ele sim estava envolvido na política, no que era a esquerda nacional. Eles tinham acompanhado Frondizi e depois se separaram e fundaram um movimento aparte, nacionalista, quando Frondizi começou a vender petróleo (risos)" (LUDMER, 2014, p. 82).



analogia da língua com o petróleo: propondo “usar uma teoria naturalista da linguagem”, que seria a princípio “uma teoria do não expropriável”, nos veríamos diante de uma dinâmica bioeconômica em que “a linguagem é um recurso natural [...] como a terra, a água (ou o petróleo) ou o ar”, e assim ela nos indicava que “os recursos naturais de todos e de ninguém da América Latina (nossos complementos como os rios, as montanhas, a própria língua) se transformam em recursos econômicos, são objetos de apropriação e exploração por parte do capitalismo global”.

\*

A analogia da linguagem com o petróleo pode ser lida, *a posteriori*, em continuidade à reflexão sobre a materialidade das ideologias e a materialidade do texto, que dialoga com uma tradição específica do Marxismo, em corte epistemológico com o Marx “humanista”. Se em *Pour Marx*, de 1965, Louis Althusser enfatizava a operação lógica desenvolvida por Marx n’*O Capital* e seu abandono dos conceitos ligados ao essencialismo antropológico da filosofia alemã, na introdução de *Lire Le Capital*, livro coletivo do mesmo ano, ele enfatizava o Marx leitor, responsável por uma nova “teoria do ler” com sua prática de leitura sintomal dos economistas ingleses, que incluía uma crítica da leitura como *abstração* e *extração*<sup>5</sup>. O *trabalho* da leitura, ali, abria caminho para as teorias da leitura que se oporiam ao esgotamento do signo e apontariam para sua proliferação. Na teoria literária, foi um dos colaboradores de *Lire Le Capital*, Pierre Macherey, com *Pour une théorie de la production littéraire* (1966), o responsável por fazer circular essa perspectiva - que seria uma referência para Noé Jitrik em *Producción literaria y producción social* (1975). A revista *Tel Quel* e os nomes de Roland Barthes (com “*Texte [théorie du]*”, de 1973) e Julia Kristeva (com “*Le texte et sa science*”, de 1969) funcionam, àquela altura, como vetores deste mesmo modo de ler, que seria, afinal, um dos eixos do pensamento que no início dos anos 1970

60

---

<sup>5</sup> Crítica da leitura à imagem e semelhança de uma concepção empirista de conhecimento, onde “a essência é abstraída dos objetos reais no sentido real de *uma extração*, como se pode dizer que o ouro é *extraído* (ou abstraído, portanto separado) da ganga de terra e de areia na qual ele é tomado e contido.” (ALTHUSSER, 1979, p. 36, grifos no original). Logo adiante, pergunta: “Será ainda preciso mostrar que essa problemática da concepção empirista do conhecimento tem como sócia a problemática da visão religiosa da essência na transparência da existência?” (p. 38).

mobilizou uma renovação da crítica literária argentina promovida na revista *Los Libros* (cf. WOLFF, 2016b) e, depois, com a mediação de Oscar Masotta e a entrada marcante da teoria psicanalítica de Lacan, na revista *Literal*. Iris Josefina Ludmer participou em ambas - na primeira, com ressalvas às posições do comitê editorial (fazendo parte de sua ala “cientificista”, cf. PELLER 2016, p. 36), e na segunda de modo mais orgânico.

Em 1973, com uma reabertura democrática, quando a UBA foi provisoriamente renomeada *Universidad Nacional y Popular de Buenos Aires* durante o governo de Héctor Cámpora, Ludmer trabalhou com Noé Jitrik, sendo assistente de trabalhos práticos na cátedra de Literatura latino-americana durante dois semestres - onde dava aulas, segundo ela mesma, de “teorias da leitura” (LUDMER, 2014, p. 89). A “militância textualista”, afinal, encontrava alguma aliança de circulação no vocabulário nacional-popular da “universidad montonera”, fato que a assistente, que era ali a “companheira professora”, lembraria depois com alegria<sup>6</sup>. Foi naquele período que ela compôs suas participações na revista *Literal*: com Osvaldo Lamborghini, fez um texto sobre Macedonio Fernández, que sairia com a assinatura anônima, conforme a política editorial, dizendo que “o leitor não é um capitalista” que investe na escrita para depois extrair algo. Ainda naquele 1973, Ludmer publicaria no *Clarín* uma resenha de *Sebregondi retrocede*, livro recém-lançado de Lamborghini: era “*Un texto materialista y democrático*”, dizia ela, porque suprimia “a divisão classista das linguagens” e recusava os “imperialismos de uma ‘voz’ sobre outra, de um corpo sobre outro” - antecipando assim, como veremos logo, uma tese central de *El género gauchesco*, publicado quinze anos depois.

O livro mais diretamente ligado àquelas experiências com o *texto*, elaborado ao longo da década, foi publicado em 1977: *Onetti, Los procesos de producción del relato*<sup>7</sup>. Em 2009, no prólogo a uma reedição, ela colocaria o gesto em perspectiva dizendo que “(*el produccionismo era una*

<sup>6</sup> “[C]reio que a nossa cátedra era a única cátedra não peronista da universidade camporista. Eles a aceitaram pelo respeito que tinham por Noé Jitrik” (LUDMER, 2014, p. 89); “Nunca fiquei em lugares onde não se praticasse uma política aberta. A única exceção foi, talvez, o caso dos montoneros da universidade peronista. Mas a ideia dos montoneros era também, naquele momento, uma política aberta, não era?” (p. 91).

<sup>7</sup> Na reedição, o subtítulo passa de “procesos de producción” a “procesos de construcción”.

de las entradas del marxismo: 'el autor como productor'); esta lectura implicaba un materialismo radical en el lenguaje y una atención al significante y a la letra" (LUDMER, 2009, p. 13). Com aquelas teorias da leitura também se formava a professora Ludmer: todos aqueles nomes - Macherey, Barthes, Kristeva, *Tel Quel* - estariam nas ementas de "*Qué se lee en la literatura*" e "*Algunos Problemas de Teoría Literaria*", seus primeiros Seminários oferecidos em 1984 e 1985, quando voltaria a assumir um posto docente na UBA.

\*

Se considerarmos que em 1981 os guias revisionistas de *Los Libros*, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, buscavam um afastamento deliberado de "Althusser e seus discípulos", promovendo o pensamento de Raymond Williams como uma espécie de materialismo cultural (DALMARONI, 2004, p. 94), é interessante notarmos que Ludmer tenha desdobrado, em seu livro seguinte, a noção ambivalente de "*Aparato*" - que indicava tanto os Aparelhos Ideológicos de Estado pensados por Althusser, com suas operações de captura das subjetividades para a produtividade capitalista, quanto a utopia de uma imaginação crítica em expansão permanente (PELLER, 2016, p. 286, nota 12; CATALÍN, 2020). Enquanto os dirigentes de *Los Libros* constatavam que a *révolution du langage poétique* era um delírio pseudo-revolucionário e buscavam um "uso reformista da teoria", Ludmer seguiria apostando em máquinas de leitura que permitissem "ler tudo". Assim ela começaria seu livro seguinte:

[...] en este ensayo no se trata con un solo tipo de objeto. Según las posiciones relativas de los objetos del género y de sujetos de la crítica, surgen figuras diversas. Se trata de un efecto de perspectiva cambiante, que depende de las líneas que trazan las posiciones en las fronteras. Se busca un tipo de línea o de perspectiva privilegiada: la que permita leer todo a la vez y donde el objeto parecería decirlo todo. O la que permita leer en los objetos del corpus del género lo que se quiera leer; en esos *aleph* se verían el género y la crítica como si tuvieran frente a frente y dibujaran algo así como un arco luminoso de 360°: la transparencia total que es el sueño de la crítica. (LUDMER, 2000 [1988], p. 20, nota 2)

Aqui, curiosamente, ela não está distante de David Viñas. No fim da vida, Ludmer reconhecera sua importância mais de uma vez, e pretendia registrar alguns episódios de aluna em um livro (GAGO, 2016) que não

viveu tempo suficiente para concluir. Na ocasião de morte do professor, em 2011, deixou um elogio de suas performances:

Viñas fue mi maestro y me considero con orgullo una de sus discípulas más antiguas. En los años '60 viajaba todos los viernes a Rosario para fascinarnos con sus clases de literatura argentina. [...] fue la primera vez que pude ver funcionar, en sus clases y después en sus escritos que devoré y copié, una máquina de lectura: una articulación perfecta entre cierta literatura, cierta ideología, cierta política y cierta lengua. Con esa máquina podía explicarlo todo y el mundo se hacía visible. Con él éramos *Contorno* y anti *Sur*, un poco anarquistas y revolucionarios. (FRIERA, 2011)

63 As marcas de Viñas, para Diego Peller (2016, p. 21), seriam duplamente visíveis: em uma “*concepción de la crítica que hace de la totalización una pulsión fundamental*”, viabilizando “*conexiones inesperadas, aun si para ello es preciso hasta cierto punto forzar los materiales con los que se trabaja, en desmedro de una ética de la lectura que priorizara el respeto a la singularidad irreductible de cada texto*”. E também em uma “*concepción de la historia (de la literatura y de la cultura) argentina en la cual el eje privilegiado —o la metáfora mayor— es la violencia ejercida —y simultáneamente disimulada— por aquellos que detentan el poder*” (p. 22), o que justificaria, afinal, a violência do método.

### III. “*lo real es el lugar donde el mate circula*”

Em 1988, Ludmer publica um “tratado sobre a pátria” que focaliza a gauchesca, edificada ao longo do século XIX transplatino. Sua leitura do gênero, fundamentada, segundo Maria Pía López (2019), em uma exploração precisa do ponto cego do trabalho crítico de David Viñas, pensava a literatura como parte fundamental da formação nacional; parte (partido) de articulação das identificações simbólicas que poderiam suturar uma comunidade até então inexistente. O voluntarismo dos intelectuais progressistas que doavam a voz a essa figura estigmatizada do gaúcho convergia também com o processo de uso dos corpos que integrou esses personagens como base para o exército e para a expansão da fronteira sul do Estado argentino. Revisitando textos basilares na construção linguística da pátria, *El género gauchesco* foi publicado em um momento estratégico e punha em cena duas temporalidades conjugadas: o tempo da escrita, durante

a última ditadura militar do país e o tempo da publicação, já no governo Alfonsín (LÓPEZ, 2019).<sup>8</sup> Entre a revisão da formação do Estado argentino e sua instituição mais significativa e sanguinária, as Forças Armadas, o livro de Ludmer dava sinais de um modo de ler que buscava pensar em conjunto os textos da lei, as práticas econômicas, a dominação dos corpos e a literatura - para Daniel Link (2019, p. 186), haveria aí nada menos que uma “Teoria do Estado”. Se esse modo de leitura retorna nitidamente em seu livro seguinte, *El cuerpo del delito: un manual*, ele também continuaria no fundo do projeto de *Aquí América Latina: una especulación*.

Se ocupando não só dos textos literários da gauchesca, mas dando destaque às margens do gênero, Ludmer lia o *Facundo* (1845), de Sarmiento, texto fundamental do projeto letrado para a nação argentina, como uma borda externa do gênero. Um antecedente que, em negativa, estaria presente nos textos da épica gaúcha e nacional. Com ele e contra ele, ela lia também os dois poemas narrativos de José Hernández, *El gaucho Martín Fierro* (1872) e *La vuelta de Martín Fierro* (1879) - neste último, o gaúcho desertor retorna obediente à lei, transformado em “trabalhador”. A dualidade entre delinquência e submissão - importante para o gênero, segundo Ludmer - se esfumava em 1879, terminando o longo período de estabilização do Estado argentino com a integração do gaúcho. Ela escreve:

La vuelta vuelve a recuperar el sentido del “gaucho delincuente” de la ley y vuelve a la ley en la voz escrita. En ese punto se cierra la cadena de usos y la guerra de definiciones: 1879. Es el fin de la voz del gaucho (que en los consejos de La vuelta ya es el ‘hombre’) y a la vez el punto de contacto máximo con lo que no es género. (LUDMER, 2000 [1988], p. 40)

<sup>8</sup> Como ressalta Analía Gerbaudo, nos Seminários de 1985 Ludmer “*repassa junto a sus estudiantes escenas ligadas, no sólo al cambio de valoración estética del Martín Fierro, de texto popular a epopeya por Leopoldo Lugones (1913) en la coyuntura del aluvión inmigratorio de fines del siglo xix y principios del xx, sino también al cambio de moral que lo convierte en objeto-tabú durante la última dictadura, en especial la Ida: «un texto anarquista» [...] Cuenta Ludmer que algunas de sus exalumnas de los grupos de estudio que trabajaban entonces en escuelas secundarias, recibían intimidatorios llamados telefónicos que «aconsejaban» no enseñarlo. O al menos no enseñar la Primera Parte del texto. El «más marcadamente “antimilitarista” de la literatura argentina»: lectura que ratifica muchos años después.*” (GERBAUDO, 2016, p. 213-4).

Em um movimento circular, o texto máximo do gênero, *Martín Fierro*, toca precisamente na borda do projeto idealizado por Sarmiento de uma nação urbana, sem gaúchos ou caudilhos.

A leitura desses dois “pais da pátria” e da biblioteca da gauchesca - Bartolomé Hidalgo, Estanislao del Campo e outros - se atualiza no presente, em 2017, com a publicação de *Las Aventuras de la China Iron*, de Gabriela Cabezón Cámara, traduzido para o Brasil em 2021. O livro, que se aproxima da leitura expansiva que Ludmer faz do *género gauchesco*, recoloca em funcionamento algumas preocupações teóricas que se insinuavam em 1988: entre a materialidade da língua, a constituição do Estado e os modos de acumulação do capitalismo dependente, podemos ler *Las Aventuras* como um capítulo a mais nos questionamentos da gauchesca ou como uma atualização, no presente, da aposta teórica de Ludmer.

A recepção da narrativa de Cámara se mistura nas tramas do reconhecimento, entre prêmios literários e leituras acadêmicas. Os textos críticos que se propuseram a lê-la (FANDIÑO, 2019; REGAZZONI, 2019; JAROSZUK, 2021; RAMELLA, 2021; FRÍAS, 2021; DE LEONE, 2021, entre outros) têm convergido na inserção de *Las aventuras* em uma série de narrativas que parodiam ou revisitam a gauchesca: além dos clássicos contos de Borges *El Fin*, *El Sur* e *Biografía de Tadeo Isidoro Cruz* estariam livros de César Aira como *Ema, la cautiva* e *La Liebre*, ou incursões do século XXI que releem e reescrevem o *Martín Fierro*, como em Pablo Katchadjian, Oscar Fariña e o conto *El amor*, de Martín Kohan.

A dinâmica paródica<sup>9</sup> e a construção espacial aparecem como dados compartilhados nessa série de leituras críticas. Algumas focalizam as questões de gênero (FRÍAS, 2021; CROCE, 2020; RAMELLA, 2021), enquanto outras se aproximam de diferentes vertentes do arcabouço teórico contemporâneo, da biopolítica à cosmopolítica, acenando para reflexões do pós-humanismo (em compostagem) de Donna Haraway, do “giro

<sup>9</sup> Poderíamos destacar, para fora da série em torno da gauchesca, o parentesco com narrativas contemporâneas que cruzam a perspectiva de gênero e o gesto paródico em uma aposta de intervenção no presente como em *Diario de una princesa montonera, 110% verdad*, de Mariana Eva Pérez (2012). No plano crítico, lembramos que Piglia (2014 [1986]), então companheiro de Ludmer, insinuava, em entrevista de 1980, uma política da forma paródica que levava em conta sua relação com uma crítica aos modos de propriedade.

materialista” e/ou do "giro afectivo" (PÉREZ GRAS, 2021; FLEISNER, 2020; DESTÉFANIS, 2021; FANDIÑO, 2019). Em muitas delas, aparece a China Ludmer de *El género gauchesco*, mas nunca a de *Aquí América Latina*. Tentaremos, então, expandir uma leitura da narrativa que se mantém orbitando o trabalho de Ludmer, incluindo também sua especulação do século XXI.

Antes de adentrarmos, rascunhamos um apontamento preliminar de possíveis modos da presença de Josefina Ludmer em *Las Aventuras de la China Iron*, começando pelo nome próprio da personagem que o narra, como admite a autora em entrevista (CÁMARA, 2020). Essa “china”, nome dado às companheiras dos gaúchos do XIX, ganha de Elizabeth, sua parceira de viagem escocesa, o nome de Josefina logo nas primeiras páginas do relato. Na irreverência da prosa de Cabezón Cámara, a narradora faz um jogo infantil com seu próprio nome, apontando, nos parece, para a homenagem e ficcionalização de Ludmer. “*Me gustó: la China Josefina desafina, la China Josefina no cocina, la China Josefina es china fina, la China Josefina arremolina. La China Josefina estaba bien.*” (CÁMARA, 2017, p. 22), ela cantarola depois de ser batizada por Elizabeth, ativando algo da risada irônica e dessacralizadora<sup>10</sup> - aqui, do dispositivo do nome próprio - característica de Ludmer, segundo Pía López (2019). O nome recebido logo se transmuta em Josephine Estreya Iron, sugerindo a força desta china que desafia (*retruca*) a subserviência posicional em relação ao homem que a colocou *para jogo*, e materializando na onomástica três dinâmicas: a quebra de fronteiras de gênero - na abreviação de Josephine como Jose -, a aliança pós-humana com o cão, que leva a uma “filiação plural” (DI LEONE et al., 2022, p. 15) e a tradução ao inglês do sobrenome de seu marido Fierro, que permite pensar uma abertura para um “pertencimento mineral” (FLEISNER, 2020, p. 7), evocando criticamente a geopolítica do extrativismo (lembramos aqui a Itabira Iron Ore Company, que assombraria o poeta Carlos Drummond de Andrade). Podemos pensar, então, que essa política do nome, além de ser uma homenagem à intelectual

66

<sup>10</sup> O caráter lúdico da escrita e do método ludmeriano pode ser lido, como faz Filipe Manzoni (2021) em relação a *Aquí América Latina*, como uma operação pendular entre as categorias de *illusio* e *ludere*, o que torna a instauração da autonomia uma performance contingente e temporária.

Ludmer, situa o texto em uma série teórica, literária e política que tende a desfazer limites entre essas esferas.

Afinal, o fim do “pensamento das esferas”, diagnóstico temporal feito por Ludmer em *Aquí América Latina*, já aparecia em forma de exercício do pensamento em seu tratado sobre a pátria. Ao incluir o intelectual Sarmiento, o líder político-militar Juan Manuel Rosas - “*el género en la realidad*” (LUDMER, 2000, p. 153) - e o relato *El Fiord*, de Osvaldo Lamborghini, no gênero gauchesco, Ludmer entendia que o espaço do gênero admitia não só os textos literários do momento fundacional do estado-nação argentino, mas também a crítica e o manejo dos significantes na realidade política. Nessa dissolução das fronteiras, a política é a literatura. Essa posição que passa sem mediação de um espaço a outro, notada por Miguel Dalmaroni (2004, p. 105) no livro posterior de Ludmer sobre o delito, é não só aprofundada na expressão “imaginação pública” que ela lançaria em seu último livro, mas reaparece como procedimento narrativo no interior de *Las Aventuras de la China Iron*<sup>11</sup>. Prolongando Viñas, a postura de Ludmer faz com que o livro de Cabezón Cámara entre em diálogo também com *Indios, ejército y frontera*, publicado em 1982. Se a Ludmer lhe interessavam as dinâmicas de aliança e de uso e dom dos corpos e das vozes dos gaúchos, o livro do crítico de *Contorno* focalizava na figura apagada dos ameríndios na literatura e na história argentina. Conjugando o genocídio indígena com o presente da escrita de seu livro, a última ditadura, Viñas se perguntava logo nas primeiras páginas: “¿O quizá, los indios fueron los desaparecidos de 1879?” (VIÑAS, 2003 [1982], p. 18). O olhar para o passado que não se furta a uma intervenção militante no presente seria atualizado por Ludmer seis anos depois<sup>12</sup> e atravessa, ainda, a

67

<sup>11</sup> A diferença conjuntural parece relevante. A interseção entre literatura e política nos textos do século XIX se dava por uma unidade evidente entre os escritores e a política estatal. No livro de 2010, como exploraremos mais adiante, a dissolução das fronteiras aparecia como efeito de época, ligada às mudanças nos processos de acumulação e extração do valor na linha do pós-operarismo. Essa distância conjuntural, que era um modo de ler aparecido já em 1988 na leitura que Ludmer realizava dos dois poemas de Martín Fierro, também parece ser um exercício teórico próximo de Viñas.

<sup>12</sup> Ela ainda escreveria, muitos anos depois, definindo sua posição de “agitadora do tempo” em *Aquí América Latina*: “[...] usar o tempo como conceito estratégico” (LUDMER, 2013, p. 105). Em artigo sobre o fazer crítico de Viñas, Gonzalo Aguilar destacava a importância da história como uma exigência do pensamento: “*Una historicidad, un sentido histórico,*



publicação recente de Cabezón Cámara, que performa, além do tom parodiante do Martín Fierro, uma aproximação tanto das vozes ameríndias não escritas quanto de uma poética do território e dos bens comuns latino-americanos. Sua ficção parece transitar nas consequências do livro de Viñas que, através da união entre indígenas e desaparecidos, produziu, segundo Claudia Torre (2010, p. 180), uma outra analogia: “indios-subversivos”.

#### IV. “*el género, la literatura del futuro*”

A aventura de Josefina China Iron se divide em três partes: *El desierto*, *El fortín* e *Tierra Adentro*. Nesse percurso espacial feito pelo quarteto de China, Estreya, Liz e o gaúcho Rosa, há também um percurso intelectual e linguístico. No plano da ficção teórica de Iron - essa parente distante de Ludmer, tanto ascendente como sua descendente - a aventura espacial emula uma passagem de momentos e definições da nação, como mostra Marcela Croce (2020). Da barbárie rural de uma vida sem novidades e marcada pela brutalidade, passa-se ao deslumbramento da natureza pampeana e das mercadorias apresentadas por Elizabeth: os chás, o *curry*, o *whisky*. Do deslumbramento - que inclui também um olhar cauteloso para as vidas não humanas das vacas e do cão Estreya - materializado na frase de abertura “*Fue el brillo*” (CÁMARA, 2017, p. 11) passa-se à segunda parte, na qual a visita a um forte-*estancia* transforma-se também em um diálogo profundo com o tratado de Ludmer.

Comandado por um Hernández que parodia o autor histórico de *Martín Fierro*, aquele território une diversos modos de uso dos corpos dos gaúchos: fazenda, exército, fábrica e escola são todos articulados na estancia de Hernández. O amálgama de funções da fazenda Las Hortensias também se replica na própria figura de seu comandante, unindo elementos de projetos antagônicos como os de Sarmiento, de uma república letrada, e o de José Hernández, que denunciava, em *El Gaucho Martín Fierro*, os abusos do poder. Essa junção impensável, que demonstra a incivilidade de fundo de ambos os projetos, já foi mencionada por Fleisner (2020, p. 7), Croce (2020, p. 19), Jaroszuk (2021, p. 363) e reaparece no prólogo ao romance

---

para leer el presente en las constelaciones de las literaturas nacionales” (AGUILAR, 2010, p. 162).

oitocentista *Pablo, o la vida en las Pampas*, de Eduarda Mansilla (“*el primer exponente de la literatura rural argentina escrita por una mujer*”, cf. DE LEONE, 2021, p. 67), no qual Gabriela Cabezón Cámara esboça uma leitura contra os projetos modernizantes aparentemente opostos de unitários/federalistas ou Rosas/Sarmiento. Em ambos, o uso dos corpos dos gaúchos se dava como ponto de partida para a construção da nação.

O encontro com a “civilização”, representada pelo forte, além de ser um contato com os modos de acumulação de Capital e de disciplinamento dos corpos para a extração de valor via trabalho, é também, nas margens do controle e da hospitalidade de Hernández, o momento de descoberta erótica do corpo feminino. Vestida com roupas de gaúcho e se apresentando como Jose, China Iron se inicia na dissidência de gênero no quarto com Liz. A potência dos encontros sexuais, narrados em detalhe na voz da China, se expande ao fim da estadia por meio de uma festa organizada por Liz como método de fuga do *fortín*. A celebração é regada a ponche e o jantar farto se desvia para grandes cenas orgiásticas que permitem a saída de China, Estreya, Rosa, Liz e mais um punhado de gaúchos da estância. Nessa subversão radical da ordem cuidadosamente mantida pelo “civilizador” Hernández, Cámara recupera também a importância da festa, comentada por Ludmer em *El género gauchesco*. Ali, ela é a ocasião de dissolução de hierarquias, liberando tensões e dissolvendo divisões: “[...] *la cocina era un salón y los oficiales empezaron a emigrar de la sala del coronel, hartos seguramente de los sermones industriales de su sacerdote de la civilización, y se entreveraron con el gauchaje, borradas copa a copa las fronteras entre letrados y brutos [...]*” (CÁMARA, 2017, p. 126). Na orgia, também os papéis de gênero - outra esfera de controle na *estancia* de Hernández - são suspensos: “[...] *se fueron derritiendo los unos en los otros, como velas que arden juntas, hasta que se hizo difícil distinguir quién hacía qué con quien [...]*” (p. 127). De certo modo, como já apontou Juana Ramella (2021, p. 87), a disciplina imposta por Hernández se revela inautêntica e o fundo de afetos e desejos suprimidos retorna como força que desorganiza o modelo modernizador das instituições ali reunidas.

A função diferencial da festa em relação à implantação do ordenamento capitalista-estatal de Hernández prefigura a terceira parte da

narrativa, retomando a leitura que Josefina Ludmer fez de *El Fiord* de O. Lamborghini:

Las fiestas de los monstruos escanden el género cada vez que ocurre o se anuncia un ascenso de las masas al poder: cada vez que las voces imposibles, oídas y nunca escritas antes, ocupan el espacio entero de la patria. Entre la primera, la de Ascasubi (y también la segunda de Borges-Bioy), y la última [a de Lamborghini], la diferencia es doble: las primera y segunda están escritas desde el cielo y quieren coincidir con el presente; la última desde el subsuelo y quiere coincidir con la literatura del futuro, la barbarie futura o la utopía futura (LUDMER, 2000 [1988], p. 158)

70

Em *Tierra Adentro*, parte final do livro, o quarteto original, acompanhado dos gaúchos liberados de Las Hortensias, se encaminha finalmente para o encontro com a figura espectral dos índios, que povoam os momentos anteriores como ameaça ou como vestígios. Seus esqueletos, que no início da viagem são como “[...] *fósiles de centauros los heroicos esqueletos de los pampas* [...]” (CÁMARA, 2017, p. 35), se materializam e suspendem os estatutos prévios. Assim, o périplo de Josefina inverte a lógica da gauchesca e da história lida por Cabezón Cámara no prólogo já mencionado ao romance de Mansilla. Na gauchesca, o tom celebratório da “aliança” que se inicia na guerra da independência percorre um trajeto que isola a figura do gaúcho, cujo fim será precisamente o “*yo solitario, resignado y quebrado de La vuelta de Martín Fierro*” (CÁMARA, 2019, s.p). O encontro com os índios, em contramão, se afirma como uma aposta na potência política do primeiro poema de Martín Fierro (1872), cujo final figurava o território indígena - a “fronteira” - como local possível de uma liberdade para fora das autoridades da Lei e do Estado. O contato com os ameríndios se dá justamente por meio de uma celebração alucinógena na qual a mudança de regimes de percepção permite à China uma maleabilidade ontológica e de perspectiva que a transforma de humana a onça ou *ñandu*, compartilhando dos corpos de seus anfitriões assim como de seus companheiros de viagem. O caráter orgiástico - presente de forma explícita também em *El Fiord*, de Lamborghini - que na fazenda de Hernández implicava desarme da disciplina, se afirma em *Tierra Adentro* como pacto de organização de uma relação comunitária - a utopia futura de Ludmer - que dissolve a interioridade do eu e a primazia do humano.

Na configuração de um nós indefinido, feito de uma aliança plurinacional que une diferentes coletivos indígenas, exilados da pátria, gaúchos desertores e até mesmo um Martín Fierro travestido, Cámara vai além da indefinida liberdade presente no primeiro Hernández, para a elaboração de uma “*comunidad utópica*” (RAMELLA, 2021, p. 81). Na série teórica que elencamos aqui, essa resolução utópica e “ucrônica” (PÉREZ GRAS, 2021), passa por uma aliança entre as leituras de Ludmer sobre os gaúchos e aquela de Viñas que denunciava a violência inerente ao processo de fundação do Estado argentino. Na revolta que aposta, apesar de José Hernández, em uma composição comunitária com os corpos ameríndios, a China Iron aparece como personagem de uma releitura da tradição literária nacional que desautoriza a virada ao poder e à função conciliatória do ficcional em *La Vuelta de Martín Fierro* - que era, para Ludmer, o Estado dentro do gênero: o representante direto de sua constituição (LUDMER, 2000 [1988], p. 121).

\*

71

A abertura ao futuro desloca também a cartografia. A comunidade que se forma nas páginas finais do romance não se limita à pampa patagônica; se torna móvel e transita nas águas do Rio Paraná, ao norte da Argentina, no Litoral - partindo dali, quem sabe, ao campus rosarino da Universidad Nacional del Litoral, onde a jovem Iris veria os primeiros ensaios da máquina de leitura de *Indios, ejército y frontera*. Nessa outra paisagem, que escapa da oposição binária cidade/deserto (PÉREZ GRAS, 2021, p. 46), na imaginação de um outro (des/trans)fundamento da nação argentina, espectral, interespécie e transgênero, Cabezón Cámara herda, talvez, algo do que ela mesma chama de “teoria literária lisérgica” (CÁMARA, 2020) do Tratado de Ludmer.

Ainda que não elabore essa expressão que escolheu para definir o brilho do *derrotero* daquele heterodoxo Tratado, podemos lançar aqui algumas hipóteses de leitura: em primeiro lugar há em *El género gauchesco* uma quebra com os padrões de escrita acadêmica; um questionamento expandido da “lei do gênero” tomado de Jacques Derrida, como sugere Natalí Incaminato (2019). Em diversas passagens, as notas de rodapé se proliferam e ocupam páginas inteiras; no interior das notas, Ludmer faz

intervenções teóricas arriscadas e parece derreter a ordem de prioridade da leitura<sup>13</sup>. Na seção “*Del lado del don*” lemos já um abandono do texto crítico e da certeza do pensamento em benefício de um método de colagem de citações, *flashes* indo e voltando entre entrevistas de Noam Chomsky e trechos do ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss. Por último, a concepção temporal que Ludmer emprega na leitura do gênero interrompe e embaralha a cronologia da história e os limites dos textos: *Facundo* prefigura o futuro de seu autor Sarmiento (LUDMER, 2000 [1988], p. 83); e *La Vuelta* redefine e informa a leitura de todo o gênero do passado.

Assim, se podemos concordar que a atenção à materialidade do texto - “*el Compromiso de la Forma de Josefina*”, como disse Héctor Libertella (2006, p. 59) - permite sua inscrição em uma “tradição formalista radical” (ANTELO, 2018, p. 71), isso igualmente solicita “pensar a história a partir de regimes de simultaneidade irrigados por vetores temporais coexistentes” (p. 71), ecoando a montagem heterocrônica e heterológica que deriva do surrealismo. Nessa suspensão dos modos de percepção do tempo e no riso irônico<sup>14</sup> das convenções do endereçamento acadêmico, podemos ler a narrativa de China Iron como uma outra redefinição do texto de Ludmer. A imaginação diferida da pátria se insere na categoria nebulosa que Josefina chamava de “literatura do futuro” no livro de 1988. Nessa literatura de um *outro* futuro, a aliança intercultural, transgenérica e pós-humana não deixa de lado a herança passada de uma outra imaginação do porvir. O materialismo histórico de Karl Marx e, sobretudo, a imaginação materialista do futuro se atualizam no modo de divisão do trabalho dos Iñchiñ, a comunidade de que nos fala a China, e na qual se integram ela, Liz, Rosa, Estreya e Fierro. A China narra, na transição da voz do eu ao nós: “[...] *entre estos indios, los míos, mi nación, los trabajos se dividen por el solo criterio de la aptitud, el deseo y la necesidad, si hay*” (CÁMARA, 2017, p. 156). Depois de tornarem-se “da água”, a narrativa já se dissolve em um nós

72

<sup>13</sup> María Pía López (2019) aproxima o procedimento de escrita de Ludmer de uma associação entre matrizes díspares da literatura Argentina, entre o jogo com a disposição gráfica de *Nota al pie* de Walsh e o vanguardismo de *Libro de Manuel* de Cortázar.

<sup>14</sup> Ludmer prefigura, e Gabriela Cabezón Cámara reencena, a relação que Virno estabelece entre êxodo e *broma* em *Ambivalencia de la multitud*. Para o italiano, as duas operações se utilizam dos mesmos recursos lógico-linguísticos, produzindo deslocamentos do eixo do discurso (VIRNO, 2006, p. 82).

que conta: “*Nadie trabaja a diario en las Y pa’ú: nos turnamos, trabajamos un mes de tres*” (p. 178<sup>15</sup>). Marx e Engels, em seus próprios vislumbres do futuro comunista escreviam, em *A Ideologia Alemã*: “[...] a possibilidade de hoje fazer isto, amanhã aquilo, de caçar pela manhã, pescar à tarde, à noite dedicar-me à criação de gado, criticar após o jantar, exatamente de acordo com a minha vontade, sem que eu jamais me torne caçador, pescador, pastor ou crítico” (MARX; ENGELS, 2007, p. 37-38). Nos ajudando a imaginar um mundo no qual as esferas se dissolvem, a especulação permite ler a *China Iron* como uma encarnação de Ludmer que *remixa* o trabalho crítico com outras formas de vida.

A deriva biopolítica de China, performando uma “deformação” do *Bildungsroman* (FLEISNER, 2020, p. 5-6), propõe então outras alianças e um “materialismo sensível” (p. 3) que se desenvolve através de alguns vetores: o uso dos modos descritivos e luminosos herdados de *El Limonero Real* (1972) de Juan José Saer, junto da linhagem neobarroca/neobarrosa de uma prosa dos excessos (FANDIÑO, 2019, p. 49 e 53; JAROSZUK, 2021, p. 375); um deslizamento linguístico que vai do eu ao nós, e da narrativa no passado a uma dissolução do tempo no presente; e a lenta ocupação do texto por vocábulos indígenas que minam as leituras semânticas e inserem outros “tons” e outras vozes nunca ouvidas, para usar termos do tratado de Ludmer.

\*

A relação de Ludmer com o gênero gauchesco teria ainda mais um capítulo futuro, posterior a *Aquí América Latina*. O Seminário “Gauchos, indios y negros”, oferecido por ela em 2012/13 na UBA e no formato de extensão na UNSAM. Essa expansão ecoa no começo das aventuras da *China Iron*: momento psicodélico em que a planície “*toda ella perdía la chatura, corcoveaba de granos, toderías, indios dados vuelta, cautivas desatadas y caballos que nadaban con sus gauchos en el lomo, mientras cerca los dorados les brincaban veloces como rayos y caían para lo hondo, para el centro del cauce desbordado*” (CÁMARA, 2017, p. 11). Dalí em diante há todo um percurso científico: a passagem do cru ao cozido (DE

---

<sup>15</sup> Trecho que ecoa também as pesquisas de Marshall Sahlins e Pierre Clastres, propositores de uma releitura etnológica do materialismo.

LEONE, 2021, p. 69 e CROCE, 2020, p. 19), a abdicação do terraplanismo como cosmologia; mas esse evolucionismo antropológico - da natureza à cultura - é apenas aparente, e à China Iron o estranhamento geoeconômico era automático: lhe “*costaba conciliar la idea de que estábamos en la parte de abajo de una esfera y parecíamos estar arriba*” (CÁMARA, 2017, p. 26-27).

Contra as ilusões do desenvolvimento e do Império, podemos pensar, ainda, na Teoria Marxista da Dependência, para quem os efeitos da dívida e das ajudas do estrangeiro “*cuestionan radical y definitivamente la posibilidad de un desarrollo nacional autónomo, tal cual preconizaba la CEPAL y en el cual creían los partidos comunistas*” (BAMBIRRA, 1978, p. 29). Nas ligações íntimas entre modernização, formação nacional, desenvolvimento das forças produtivas e o domínio oligárquico, “*el mantenimiento del atraso de nuestros países es condición y consecuencia de su desarrollo capitalista*” (p. 50). Daí que a convivência entre a crueldade soberana do estancieiro Hernández com seus gaúchos e a disciplinarização destes para o trabalho de modelo industrial não seja, como pensa Jaroszuk (2021, p. 365), uma combinação cômica entre “capitalismo avançado” e “realidade atrasada” da oligarquia. Antes, há nessa leitura particular da incivilidade modernizante da organização daquela *estancia* e de seu soberano Hernández um alinhamento com as críticas, por vezes esquecidas, dos limites do desenvolvimentismo na América Latina. A realidade ficção imagina saídas das alternativas entre dependência e desenvolvimento, encaminhando para uma conjunção entre festa, paródia e êxodo que reativa e sintetiza o desejo - a “potência cognitiva” (GAGO, 2019, *apud* DE LEONE, 2021, p. 68) - de Ludmer: “ler tudo”.

74

#### **V. 2001: La Comuna de Buenos Aires**

Na seção Temporalidades de *Aquí América Latina* encontramos, supostamente, o diário que Ludmer escreve em seu “ano sabático” na Buenos Aires do ano 2000. O clima de virada do milênio marca aquela reflexão epocal e a análise retrospectiva dos anos 1990, dos nefastos efeitos do neoliberalismo no tecido social, da precarização das condições de trabalho diante da crise do socialismo e das mediações sindicais. Já em

1996, Ludmer organiza em Yale o colóquio “Culturas de fin de siglo” para refletir sobre essa mudança no horizonte da revolução, que era também mudança nas gramáticas críticas. Assim, quando no ano 2000 Antonio Negri e Michael Hardt publicam seu *Empire*, o livro-Manifesto ressoa como uma reabertura do horizonte anticapitalista com um vocabulário conceitual atualizado, ao ponto de Slavoj Zizek saudá-lo como um Manifesto Comunista para o século XXI.

Na abertura deste nosso texto, aludimos aos dois movimentos da seção final de *Aquí América Latina*, “da nação à língua” e “da língua ao império”, culminando, portanto, no conceito proposto por Negri e Hardt, que viria para complementar<sup>16</sup> o mais tradicional - e mais caro às reflexões latino-americanistas - conceito leninista de Imperialismo. O percurso de *Empire* busca justificar essa mudança de categoria e paradigma através de uma análise da *tendência* das mutações globais do trabalho - tanto da distribuição das ocupações, com um aumento exponencial de vagas no setor de serviços e da indústria cultural, quanto do próprio conceito filosófico de trabalho, como propunham, por exemplo, Paolo Virno e Giorgio Agamben, revisitando as noções de *ação* e *potência*.

Para isso, Negri e Hardt condensavam ali duas décadas de debates da tradição *operaísta* (desenvolvidos em revistas como *Futur antérieur* e *Luogo comune*), que se baseavam em uma releitura dos cadernos de Marx, e mais especificamente em um fragmento em que Marx apontava para a importância crescente do *general intellect*, que poderia ser interpretado como um aspecto comunicacional, afetivo, imaterial, de organização das atividades produtivas - e da classe. Teríamos ali, portanto, um segundo retorno filológico a Marx, diferente daquele de Louis Althusser, que havia proposto ler o “Marx leitor”<sup>17</sup>.

A diferença de conjunturas tem algo a dizer. Se Ludmer escreve seu “diário do ano 2000” em uma Buenos Aires instável e marcada pela precarização, ela publica o livro apenas em 2010. O texto final, com

---

<sup>16</sup> Do mesmo modo que a sociedade de controle se sobrepõe à sociedade disciplinar, sem superação.

<sup>17</sup> Diferente mas não oposto: uma das primeiras atividades de Negri em seu exílio na França, após a repressão ao operaísmo, foi justamente um seminário a convite de Althusser: *Marx além de Marx*.



assinaturas de diferentes meses e dias de 2000, é também um misto de *realidadficción*<sup>18</sup>. As anotações do diário são retroativamente afetadas pela crise e o *estallido* de dezembro de 2001. Pelo movimento destituente que faz o país ter cinco presidentes em duas semanas, recordes de inflação, desmedida do valor. E pelo amplo debate que buscou entender quem eram aqueles (povo? classe média? lumpenproletariado? massa? multidão?) que se manifestavam nas ruas.

O posicionamento de Ludmer nesse debate é, a princípio, o de uma leitura interessada - mas não-condescendente - de *Empire* (cf. COSTA, 2014). Antes dos protestos, ela publica na revista *Rethinking marxism* uma resenha do livro; vê com bons olhos seu esforço de pensar “o futuro dos conceitos dos anos 60 e 70”, mas marca os limites de sua homogeneização, típica de uma mirada situada no centro, e transfere o interesse a Paolo Virno, que para ela era o pensador “mais lúcido” do momento. Em 2002, logo após o *estallido*, publica o texto traduzido na *Landa* (“*La multitud entra en acción*”), divulgando o pensamento de Virno e sua “*teoría política del futuro*”; texto em seguida ampliado para um número especial que a *Revista de crítica cultural* dedica ao debate (“*Lo popular: pueblo, masa, gente, multitud*”). Enquanto Negri e Hardt pareciam interessados em afirmar a potência da multidão e se desvincular da categoria dialética da contradição, Ludmer, como Virno - que escreveria um livro intitulado *Ambivalencia de la Multitud* - talvez estivesse mais próxima das ambivalências (cf. VALDATI, 2009, p. 80-81). O certo é que, independentemente do debate sobre a conjuntura argentina e sua relação com um ciclo global de levantes anticapitalistas, do ponto de vista da teoria literária, este seria seu posicionamento de leitura dos textos: passar da categoria derridiana da indecidibilidade do sentido no jogo significativo para a percepção da ambivalência dos discursos, entre ficção e fábrica de realidade.

Muitas das impugnações ao pensamento proposto por Ludmer no panfleto das *literaturas postautónomas* e em *Aquí América Latina* podem

---

<sup>18</sup> Em *El libro de Tamar*, Tamara Kamenszain denuncia - com admiração - a audácia da amiga ficcionista, entregando que seu artefato textual narra conversas caminhando pela cidade que foram apenas e-mails.

ser lidas em diálogo com aquelas feitas ao pensamento de Paolo Virno e Toni Negri na Argentina. É com um fragmento destes, aliás, que María Moreno inicia seu compilado dos debates efervescentes daquele 2001/2002, intitulado *La Comuna de Buenos Aires* e publicado, assim como o livro de Ludmer, apenas uma década depois (cf. MORENO, 2011, p. 23). Quando Dalmaroni (2010) faz sua crítica da ênfase no trabalho imaterial e da inadequação das teses de Virno e Negri para a realidade latino-americana, ele está próximo, por exemplo, de Nicolas Casullo ou Atilio Boron, que já em 2002 marcaram este ponto em relação aos italianos<sup>19</sup>. Essa limitação também seria apontada por Silvia Federici (2010, p. 250), e levaria Negri a um reconhecimento do problema, preferindo falar apenas em “produção biopolítica”. Virno, já em 2005, dizia que nunca tinha usado a expressão “trabalho imaterial” e que a considerava inconsistente (JOSEPH, 2005, p. 29).

Ludmer, afinal, estaria de acordo neste ponto, incluindo entre seus neologismos híbridos e amalgamados - *realidadficción, territorioafecto*, conceitos confeccionados *en fusión*, como artefatos fundidos ou como o ferro derretido pela lisérgica China - o *materialimaterial*, argumentando “desde el punto de vista materialista” (MU, 2011) por essa fusão do econômico e do cultural. Assim, se a questão da *imaginación pública*, como

77

---

<sup>19</sup> No debate de 2002 podemos incluir um texto apresentado na UBA por Antelo (2003) no seminário "El desencanto de lo moderno. Cultura brasileña, dictadura y redemocratización", organizado por Florencia Garramuño. A proposta ali era ler um poema de Drummond, e para isso armou uma cena que passava pelas recém-declaradas posições de Casullo e Ludmer em relação a Paolo Virno e ao materialismo. Antelo aproximou as posições de Casullo - e sua rejeição do pensamento de Virno - da crítica de Roberto Schwarz às “ideias fora de lugar”. O mesmo texto nos permite ainda um outro destaque, afim ao que viemos comentando: para ler Drummond, Antelo evocava a posição de Bataille sobre o materialismo, publicadas no “Dicionário crítico” da revista *Documents* (uma posição, vale dizer, bem próxima daquela proposta por Althusser na introdução de *Lire Le Capital*): "A maioria dos materialistas, embora tenha desejado eliminar toda entidade espiritual, acabou descrevendo uma ordem de coisas que relações hierárquicas caracterizam como especificamente idealista. Eles situaram a matéria morta no topo de hierarquia convencional de fatos de ordens diversas, sem perceber que cediam, assim, à obsessão de uma forma *ideal* da matéria, de uma forma que se aproximaria mais do que qualquer outra daquilo que a matéria *deveria ser*. A matéria morta, a ideia pura e Deus respondem, [...] a uma pergunta que só pode ser formulada por filósofos idealistas, à pergunta pela essência das coisas [...]" (BATAILLE, 2018, p. 80). Essa perspectiva, que é ainda materialista mas que recusa a “matéria morta” e se aproxima de um pensamento pós-humano, atravessa, por exemplo, a Colectiva Materia, que inclui Paula Fleisner. Na leitura que Fleisner faz de *China Iron*, o materialismo sensível de Cabezón Cámara ecoa esta crítica de Bataille. A leitura de Lucía De Leone (2021, p. 74) também registra algo assim: "Hay una tendencia de toda materia viva a formar asociaciones con otros sistemas materiales".

sugerimos na seção anterior, já se antecipava no modo de ler a gauchesca como um trabalho ambivalente com os discursos - que excedia o literário e abandonava certas categorias da especificidade da análise textual - em *Aquí América Latina* há um suplemento no modo de pensar a relação entre economia e língua:

A língua não é apenas um recurso natural, mas o meio de produção dos meios de comunicação, e as coisas feitas de língua [...] fazem parte de uma indústria global e um mercado, sendo um dos núcleos da produção simbólica atual. No território da língua, a partir da biologia e da própria natureza é possível ver, com nitidez, a série capitalismo global, produção simbólica e políticas imperiais (...) (LUDMER, 2013, p. 154)

78

O que nos parece visível, então, é que em Virno, através de sua categoria do “*intelecto general*”, citada no livro - e derivada do *general intellect* de Marx (e que Marx escreve assim mesmo, em inglês) -, Ludmer encontra uma afinidade importante para pensar a imaginação pública. A analogia entre o extrativismo do território e a indústria da língua, vinculando a exploração do trabalho à da comunicação - mesclando atividades assalariadas e não-assalariadas - coloca a complexidade da biopolítica. O que será *ler* em uma conjuntura em que a economia funciona de maneira biopolítica? Esta é uma das perguntas que Ludmer parece se fazer, ao nos propor “especular com outra biopolítica” e forjar uma “teoria naturalista da língua”, que, retomando o imaginário telúrico do latino-americanismo dos anos 1960, a projeta no centro do extrativismo contemporâneo.

\*

O argumento de Virno e dos outros operaístas exilados era o de que a autoorganização dos trabalhadores, materializada em greves, sabotagens, interrupções da produção, movimentos de êxodo como fuga do regime de disciplinamento dos corpos para o trabalho (exército, fazenda, fábrica), forçaria a uma reestruturação do modo de produção capitalista. Os proprietários do Capital - para seguir com altas margens de lucro - flexibilizariam a ordenação fabril dos corpos através de uma “virada linguística da economia” (MARAZZI, 1996). Reconhecendo a emergência deste novo terreno de antagonismo, e desta nova dinâmica da exploração,

Ludmer faria o movimento equivalente: colocaria a questão nos termos de uma “virada econômica da língua” - e este é exatamente o ponto em que as críticas incidem sobre ela: aceitar isto como condição de funcionamento do sistema seria um erro grave. Erro por dar ênfase excessiva no aspecto imaterial do capitalismo, ou erro por abandonar o potencial autonomista da crítica, subscrevendo - de modo quase entusiasmado - a perda do valor da crítica como uma prática de antagonismo cultural.

Mas a virada da análise em direção ao imaterial não foi, para a teoria operaísta, um abandono do materialismo histórico. Foi sua extensão: um desdobramento da materialidade das ideologias que - através de novos dispositivos - tornou produtivo (passível de extração de valor) o tempo de vida cotidiana, para além do tempo de trabalho medido no salário. A análise que Ludmer propõe fazer em torno de um "*territorio de la lengua*", do mesmo modo, se fundamenta no método do materialismo histórico: é uma análise da transformação biopolítica - em curso - do modo de produção capitalista, e a entrada do “aspecto imaterial”, então, pode ser lida desde a teoria literária em fusão com aquela tradição da materialidade das ideologias, que acompanhava a crítica "textualista" pela qual Ludmer militava nos anos 1970.

Para alguns críticos de Ludmer, seus acenos a uma reconfiguração da crítica literária como "ativismo cultural" seriam irresponsáveis, e seu movimento pós-crítico - na linha dos piores significados atribuídos ao esvaziado termo pós-moderno - seria desmobilizador, multiplicador de impotência<sup>20</sup>. O que nos parece que falta ser pensado é justamente o ponto

---

<sup>20</sup> Em um texto que escapa ao controle científico das *peer reviews*, encontramos, por exemplo, um crítico propondo ir mais além de leituras que considera demasiado cordiais e reprimidas: “Ludmer no quiso confesar o no percató que aquello que utopiza (y utopizza) como literaturas post-autónomas (a manera de neovanguardia blanda) en realidad constituye la escena del precariado auto-glamourizado que el neoliberalismo impuso a la escritura. Llamándole ‘literatura posautónoma’ Ludmer maquilló la maquiladora escritural neoliberal. Las literaturas ‘post-autónomas’ ludmerianas corresponden mayormente a la *neoliberalización* de la literatura. Escribo *neoliberalización* por tratarse de un proceso en marcha (y no neoliberalismo o neoliberal, como un estado o cualidad intrínseca o, al menos, una condición ya contraída) al ser la literatura un modo de producción cultural asociado a otros modos de producción económica precapitalistas e incluso capitalistas. Las literaturas atraviesan actualmente un proceso de neoliberalización muy avanzado en algunos sectores, pero resistente en otros. Ludmer más bien hizo una lectura despolitizada de cierta literatura hispanoamericana (mayormente argentina) de principios de siglo; una lectura, en el fondo, poco económica, ¡y a la vez poco estética! Una mirada ensayística con muchas zonas acrílicas. (...) [L]o post-autónomo es un mandala de las lógicas y logísticas

em que Ludmer diverge sutilmente dos operaístas, enfatizando o agenciamento *materialimaterial*<sup>21</sup>. Pois o que parece estar sendo ignorado, afinal, é que *Aquí América Latina* é um livro feito de duas seções: Temporalidades e Territórios. A rejeição de sua posição, em larga medida, passa ao largo das questões levantadas em Territórios: o *territorio de la lengua* e o *territorioafecto*.

A passagem especulativa “da nação à língua” nos reenvia a *Tierra Adentro*, à fuga do *fortín*, à aliança plurilinguística. E aqui podemos ver um dos pontos em que o diálogo de China Iron com Ludmer parece exceder o gênero gauchesco. Há uma relação entre o movimento da China e a teoria do êxodo de Paolo Virno, um deslocamento em direção à imanência, ao substrato material, o húmus, daquela “teoria do subsolo” em que Ludmer unia território, língua e bens comuns: “yo creía que me estaba haciendo inglesa pero no: no es del aire Inglaterra, no es de la luz; es de las entrañas de la tierra de donde sale el hierro y apura al movimiento del planeta” (CÁMARA, 2017, p. 170). E se o anacronismo é deliberado, pois as *aventuras* se dão em uma temporalidade pré-pós-fundacional que reencena o século XIX, é com a língua do presente que Cabezón Cámara ensaia seus agenciamentos coletivos de enunciação. Um dos pontos que o feminismo materialista destaca é justamente a *atualidade permanente da acumulação primitiva do Capital*, do cercamento dos comuns e da domesticação dos corpos. Assim, nos cacos do progressismo derrotado momentaneamente na Argentina de 2016, e diante das sublevações feministas do *Ni una menos*, *Las Aventuras de la China Iron*, escandindo os gêneros [*gender* e *genre* a um só tempo], responde com inventividade ao encerramento das possibilidades de transformação social, aterrizando a língua nos impasses da imaginação pública.

80

---

del neoliberalismo. (...) Haciéndola pasar como un proceso ‘cultural’. Lo post-autónomo parecería provenir de un Fukuyama amnésico, que ha olvidado el programa económico de donde han salido sus slogans. [S]u teoría post-autonomatista *deriva* de una apología del neoliberalismo.” (YÉPEZ, 2020).

<sup>21</sup> A importância de pensar juntas as categorias - p., ex., o extrativismo clássico e os neoextrativismos cognitivos - seria reforçada por Verónica Gago com Sandro Mezzadra (2015), outro herdeiro dos operaístas.

## VI. Reabrir a conversa

Lendo uma Gabriela Cabezon Cámara leitora de Josefina Ludmer, somos, então, incentivados a reterritorializar a questão da pós-autonomia (na seção Territórios de *Aquí América Latina*), a revincular as políticas linguísticas aos imperialismos culturais e às dinâmicas plurinacionais (do inglês ao mapuche), e a fincar a bandeira do ativismo cultural em um ponto preciso em que a distinção natureza-cultura se estremece ("*El agua no se vende*", diziam cartazes da população em Chubut; "*#soberaniaescuidarnuestromar*", diziam as *hashtags* do *Atlanticazo* contra a exploração *offshore* de petróleo). *Peronismo y Petróleo*, ainda; *Petróleo y Política*. Entre debates sobre a repotencialização da dependência econômica dos países latino-americanos após o *boom* das *commodities* (SVAMPA, 2019), voltam também com força os impasses dos 60/70: soberania, desenvolvimento, autodeterminação.

Assim, enfim, somos incentivados a pensar naquela e nesta Josefina materialista que, à luz das variadas vertentes que se podem contrair na atual retomada do materialismo (e aqui ficaria pendente a tarefa de distinguir, ou pelo menos indicar, essa mescla entre diferentes materialismos<sup>22</sup>) não nos permite esquecer o materialismo histórico, nos oferecendo também uma interrogação sobre nosso lugar (o lugar das condições materiais de enunciação da crítica literária latino-americana) em um modo de produção feito de arranjos jurídicos de propriedade privada, máquinas, logísticas e corpos explorados<sup>23</sup>. A crítica de Dalmaroni (2010) à “importação” do conceito de “trabalho imaterial” no livro de Ludmer, aliás, começava pelo

81

<sup>22</sup> Em um comentário destas diferentes “Perspectivas materialistas en las escrituras contemporáneas”, Gabriela Milone, Silvia Jorge e Silvana Santucci (2020) propõem um arco que vai de “*un materialismo que re-toma la materia de la cosa en sí (en su inmutabilidad y resistencia al lenguaje y al tiempo), hacia la perspectiva de un materialismo sin materia (en los encuentros y su toma de consistencia aleatoria), y desde la recuperación de un materialismo histórico (que busca reconstruir las condiciones materiales, históricas y políticas de producción de lo dado) hacia las perspectivas de un materialismo que insista en perseverar en la pregunta (aunque sin filosofía de la historia) [...]*”.

<sup>23</sup> Algo nesse sentido propunha Tiago Guilherme Pinheiro na conclusão de sua intervenção no dossiê "A questão da pós-autonomia" aqui na *Landa*, abrindo um ponto sobre a estratégia: “Se o texto de Ludmer possui um valor a ser destacado é propor essa pergunta insólita e que fere o próprio lugar deste que se quer representante da literatura – o crítico literário: afinal, em que condições oferecidas podemos reconhecer a exigência por mais legitimidade, por um lugar próprio reconhecido para as letras, como algo pouco estratégico, para não dizer infame?” (PINHEIRO, 2013, p. 172).

petróleo: “¿qué utilidad intelectual o política ofrecería calificar de ‘inmaterial’ el trabajo de los operarios de Repsol o de Petrobras, el de los camioneros que votan a Hugo Moyano, el de los coccaleros bolivianos, los empaquetadores de venenos agroquímicos de Monsanto (...)?”. O ponto em que caberia discordar de Dalmaroni passaria pela constatação de que, para o operaísmo, a questão nunca foi a das "*formas mayoritarias y predominantes del trabajo*", mas a da análise das *tendências*. O conceito do imaterial, no fim das contas, foi, para os próprios operaístas que o lançaram, uma má escolha, mas o trabalho segue tendendo para uma complexa rede *materialimaterial*. Enquanto isso, a conjuntura, mais uma vez, remonta os impasses: se em 2010 a governamentalidade continental parecia se lançar em um promissor ensaio pós-neoliberal, vivemos agora o refluxo e os impasses de uma *segunda oleada*.

Em sua objeção ao gesto de abandono da autonomia, Martín Kohan (2013, p. 312) argumentava que diante de uma repudiável "práxis social dominante", a aproximação sem mediações entre vida e arte - "*la industria de la lengua de que habla Ludmer, la amenaza de la economía y las fusiones editoriales que advierte, las conversiones de los escritores en personajes mediáticos que destaca*" - acabaria servindo, "*a su pesar*", para reforçar que a autonomia literária é mais que nunca indispensável, "*como objetivo a alcanzar*". As aventuras do livro de Cabezón Cámara - publicado por Penguin Random House Grupo Editorial, premiado, pirateado (com pedido da autora para que parassem a circulação ilegal, cf. PELLER, 2020) -, ajudando na visibilidade da autora que, anos depois, puxa como militante o manifesto do *Atlanticazo*<sup>24</sup>, certamente relançam um tempero na “questão da pós-autonomia” em algumas de suas derivas materialistas e amargas: o direito autoral, a propriedade, o território. Uma vez mais, a heteronomia se impõe, e aqui podemos levar em conta algo que sugeriu Luciana di Leone (2020): mesmo os livros que parecem solicitar uma leitura literária (naturalista, realista, surrealista; o rótulo, se houver, somos nós que

---

<sup>24</sup> Entre as signatárias, podemos encontrar algumas que figuravam na "ilha urbana" bonairense da seção Territórios de *Aquí América Latina*: Samantha Schweblin, Selva Almada, Carla Maliandi, Marta Dillon, Gabriela Massuh, Graciela Speranza, Flavia Costa, a Colectiva Materia, Lucrecia Martel, Albertina Carri, Nora Cortiñas, Maristella Svampa, Rita Segato, Verónica Gago e a Confederación Mapuche de Neuquén.

escolhemos dar...) podem ter em seu centro uma desativação da autonomia, se tornando, talvez a contragosto, *hyperlinks* na imaginação pública. É possível dizer que é a lógica do mercado que dita as regras aqui? O neoliberalismo triunfante? Ou a ambivalência, com que Ludmer nos propunha ler? Mantendo a questão em aberto, o ponto que nos importa destacar é que tanto a defesa do “Texto” nos anos 1970 quanto a proposição de um “abandono da autonomia” foram feitas em nome de algum tipo de materialismo: fônico, semântico, biopolítico. Podemos ler, com a Josefina China, a musicalidade desta língua em devir-plurinacional, a materialidade do signo, o ritmo da prosa, o brilho da análise textual; mas podemos também ler com a Josefina China esta configuração em que “*el texto no está en la obra ni en la literatura sino en la imaginación pública de un hipertexto sin afueras*” (MU, 2011). Ler, como queria Kristeva, a dupla inscrição do texto: em um determinado estado de uma língua, e em um bloco histórico em movimento.

83

Quando em 2013 Ludmer veio ao Brasil palestrar, apontou para a necessidade de um trabalho coletivo: a Literatura, “*si uno la quiere pensar materialmente*”, dizia ela no evento do Itaú Cultural, poderia ser entendida agora como um ramo da imaginação pública e da indústria da língua. Menos que um elogio otimista de um *comum* que se constrói sozinho graças às novas condições de produção, caberia, então, pensar a organização, o que nos leva - passados dez anos de críticas - a um conjunto de questões ligadas à “crise de representação” que estremecem oposições definitivas entre autonomias - dos movimentos sociais, do Estado, da Literatura, da Crítica. Não se trataria tanto de apostar todas as fichas no gesto destituente da representação (*que se vayan todos*) nem no gesto constituinte de um Estado reformista e provedor, mas de conseguir ver que a tensão entre esses polos - como sugere Rodrigo Nunes (2014) - é produtiva para o pensamento, e que o próprio trabalho com as letras se move aí, entre instauração, destituição, instituição. Menos que as “autonomias relativas”, nos caberia, talvez, rastrear as implicações recíprocas. Afinal, as categorias autônomas em *Las aventuras de la China Iron* - a autoria, o texto, o gênero - se desdobram em suas virtualidades que desativam a autonomia: a subjetivação ativista, a



cooperação na imaginação pública, a intervenção na comunidade política em constante reconfiguração.

Ludmer nomeou seu último livro como *una especulación*, uma aposta no presente, um investimento na possibilidade de um pensamento que não se separasse nem do afeto e nem do território, escrevendo em *territorioafecto*: dali, podemos ser levados a especular que só uma falta de carinho com a história das esquerdas pode ter permitido que esse vínculo tenha sido menosprezado. Como Isabelle Stengers (2015), Ludmer se afirma como herdeira de Rosa Luxemburgo, Vânia Bambirra e tantas outras, pensando, desde a literatura, com os trabalhos e as coisas feitas de língua, as dinâmicas da acumulação do valor; suas permanências e suas transformações. Se a já longa tradição da desconstrução nos ensina que a disseminação faz os envios se definirem - ou melhor, se indefinirem - por seus efeitos, talvez a China Iron nos ofereça uma boa ocasião de vermos não só os supostos efeitos despolitizantes do envio de Ludmer, mas também outras rotas mais intempestivas que se prolongavam ali.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Gonzalo. “David Viñas: la crítica literaria y el cierre del pasado histórico”. *Prismas*, revista de historia intelectual, v. 14, n. 2, 2010, p. 157-162. Disponível em:

[https://prismas.unq.edu.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Aguilar\\_prismas14](https://prismas.unq.edu.ar/OJS/index.php/Prismas/article/view/Aguilar_prismas14). Acesso em 17. abr. 2022.

ALTHUSSER, Louis. “De O Capital à Filosofia de Marx”. In: L. Althusser et. al. *Ler O Capital*. V. 1. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 11-74, 1979 [1965].

ALVES, Wanderlan. “Depois do efeito ‘pós-Ludmer’: (re)considerações sobre a pós-autonomia em tempos de radicalização neoliberal”. Comunicação apresentada no Congresso da ABRALIC, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/7eDmOSxex0M?t=2148>. Acesso em 10 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. “Pós-autonomia e crítica menor”. *Remate de males*, v.41, n.1, pp. 123-152, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/remate.v41i1.8663968>. Acesso em 20 abr. 2022.

ANTELO, Raúl. “A aporia da leitura”. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 7, n.1, p. 33-45, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/19287>. Acesso em: 19. abr 2022

85

\_\_\_\_\_. “Autonomia, pós-autonomia, anautonomia”. Comunicação apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina em 29 de abril de 2013. Publicada como “Posfácio. Espaço-tempo”. In: Celia Pedrosa et. al (org.) *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, pp. 231-258, 2018.

\_\_\_\_\_. “Pensar a América Latina em seus limites”. In: NATUREZA, Aline; NUNES, Kamilla [orgs.] *Escovar a história a contrapelo*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, pp. 70-83. 2018.

BAMBIRRA, Vânia. *Teoria de la dependencia: una anticrítica*. Ciudad de México: Ediciones Era, 1978.

BATAILLE, Georges. “Materialismo”. In: *Documents: Georges Bataille*. trad. João Camillo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, p. 80-81, 2018 [1929].

BORON, Atilio. *Imperio & Imperialismo* Una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri. Buenos Aires: CLACSO, 2002.

CÂMARA, Gabriela Cabezón. *Las aventuras de la China Iron*. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Literatura Random House, 2017.

\_\_\_\_\_. “Prólogo”. In: MANSILLA, Eduarda. *Pablo o la vida en las pampas*. ebook. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Penguin Clásicos, 2019.

\_\_\_\_\_. *Antenargenta*. [Entrevista cedida a] Davis Diniz. Vídeo. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ppu7qJJsm1A>. Acesso em 10/03/2022.

CASULLO, Nicolas. “Sobre Paolo Virno: ¿Qué es lo que políticamente nos está sucediendo en la Argentina?”. *Revista de Crítica Cultural*, n. 24. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, p. 16-17, 2002.

CATALIN, Mariana. “Intempestivo: el ensayo Ludmer”. *Boletín del Centro de Estudios de Teoría y Crítica Literaria*, n. 20, pp. 95-108, 2020.

COSTA, Flavia. “Elogio da má literatura”. In: LUDMER, J. *Intervenções críticas*. Org. Teresa Arijón e Bárbara Belloc. Rio de Janeiro: Azougue; Circuito, 2014, p. 155-170.

CROCE, Marcela. “Provocaciones al canon: género y crítica acicateados en Las aventuras de la China Iron”. *Palimpsesto*, v. 10, n. 17, p.15-23, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.35588/pa.v10i17.4112>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DALMARONI, Miguel. *La palabra justa*. Literatura, crítica y memoria en la Argentina (1960-2002). Santiago: Melusina, 2004.

\_\_\_\_\_. “La literatura y sus restos (teoría, crítica, filosofía). A propósito de un libro de Ludmer (y de otros tres)”. *Bazar Americano*, n. 28 [en línea], 2010.

DE LEONE, Lucía. “Vuelos erráticos sobre una pampa migrante. Las aventuras de la China Iron de Gabriela Cabezón Cámara”. *Chuy*, n. 10, p. 64-78, jul. 2021. Disponível em: <http://revistas.untref.edu.ar/index.php/chuy/article/view/1097>. Acesso em: 19 abr. 2022.

DESTÉFANIS, Laura. “Narrativas del compost. Las aventuras de la China Iron”. Comunicação no I Encontro Nacional sobre Utopías y sus Derivas. UBA, ago. 2021. Disponível em: <http://eventosacademicos.filo.uba.ar/index.php/EIUD/IEIUD/paper/view/5782/3698>. Acesso em 10 abr. 2022.

DI LEONE, Luciana. “A representação, essa crise (ou, se um raio te atingir, é bom estar acompanhado)”. *Crítica cultural – Critic*, v. 15, n. 2, p. 253-262, v. 15, n. 2, 2020.

\_\_\_\_\_. et al. [LABORATÓRIO DE TEORIAS E PRÁTICAS FEMINISTAS – PACC/UFRJ]. “Uma bibliografia feminista latino-americana

contemporânea comentada”. *Revista Terceira Margem*, v. 26, n. 48, p. 141-181, 2022.

FANDIÑO, Laura. “Canon, espacio y afectos en Las aventuras de la China Iron, de Gabriela Cabezón Cámara”. *Hispanófila*, v. 186, n. 1, p. 49–66, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/hsf.2019.0032>. Acesso em 10 abr. 2022

FEDERICI, Silvia. “El feminismo y las políticas de lo común en una era de acumulación primitiva”. In: *Revolución en punto cero*. Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas. Madrid: Traficantes de Sueños, 2013.

FLEISNER, Paula. “El desierto era parecido a un paraíso. Aventuras posthumanas en una novela de G. Cabezón Cámara”. *Veritas*, Porto Alegre, v, 65, n. 2, p.1-13, mai-ago. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/37839>. Acesso em 19 abr. 2022.

FRÍAS, Luis. E. “Trans-fundar la Argentina: Nación, autoría y masculinidades en Las aventuras de la China Iron de Gabriela Cabezón Cámara”. *Cuadernos del CILHA*, n. 34, p. 1–27, jul. 2021. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/cilha/article/view/4743>. Acesso em 20 abr. 2022.

87

FRIERA, Silvina. "El recuerdo para un referente de varias generaciones". *Página 12*, 12 mar. 2011.

GAGO, Verónica. “La profesora”. Entrevista de V. Gago a Josefina Ludmer. *Las 12*. 15 abr. 2016. Disponível em: <http://pagina12.com.ar/diario/suplementos/las12/13-10503-2016-04-15.html>

\_\_\_\_\_. *La potencia feminista*. O el deseo de cambiar todo. Madrid: Traficante de Sueños, 2019.

\_\_\_\_\_ & MEZZADRA, Sandro. “Para una crítica de las operaciones extractivas del capital. Patrón de acumulación y luchas sociales en el tiempo de la financiarización”. *Nueva Sociedad*, n. 255, p. 38-52, 2015.

GERBAUDO, Analía. “Josefina Ludmer y el libro que se tornó clase”. *Cuadernos del Sur - Letras*, n. 43, pp. 129-148, 2013.

\_\_\_\_\_. *Políticas de exhumación*. Las clases de los críticos en la universidad argentina de la posdictadura (1984-1986). Santa Fe: Ediciones UNL; Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2016.

INCAMINATO, Natalí. “Jacques Derrida en Josefina Ludmer. Clases 1985 y El género gauchesco. Un tratado sobre la patria: ley, límite, indecibilidad y autorreferencia”. *Literatura: teoría, historia, crítica*, v. 21, n. 2, p. 173-200, 2019.

JAROSZUK, Barbara. “Negociando el mapa de lo posible: *Las aventuras de la China Iron* de Gabriela Cabezón Cámara”. *Studia Neophilologica*, v. 93, n. 3, p. 357–378, 2 set. 2021.

JOSEPH, Brandon. "Interview with Paolo Virno". Responses translated by Alessia Ricciardi. *Grey Room*, n. 21, p. 26-37, 2005.

KAMENSZAIN, Tamara. *El libro de Tamar*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2018.

KOHAN, Martín. “Sobre la Posautonomía”. *Landa*, v. 1, n. 2, pp. 309-319, 2013.

KRISTEVA, Julia. “O texto e sua ciência”. In: *Introdução à semanálise*. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1969].

LIBERTELLA, Héctor. *Arquitectura del fantasma: una autobiografía*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2006.

LINK, Daniel. *La lectura, una vida...* Buenos Aires: Ampersand, 2019.

LÓPEZ, María Pía. “La risa de las muchachas”. Prólogo. In. LUDMER, Josefina. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Ebook. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2019

LUDMER, Josefina. “Literatura experimental”. *Clarín*, 25 de Octubre de 1973.

\_\_\_\_\_. *El género gauchesco: un tratado sobre la patria*. Buenos Aires: Libros Perfil, 2000 [1988].

\_\_\_\_\_. “An Agenda for the Multitudes”. *Rethinking marxism*, v. 13, n. 3/4, p. 168-172, 2001.

\_\_\_\_\_. “Paolo Virno, filósofo del presente”. *Revista de Crítica Cultural*, n. 24. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, p. 13-14, 2002.

\_\_\_\_\_. “A multidão entra em ação”. *Landa*, v. 2, n. 2, p. 228-232, 2014 [2002].

\_\_\_\_\_. “Josefina Ludmer: “Algunas ‘nuevas escrituras’ borran fronteras”. [Entrevista cedida a] Susana Haydu. *La Biblioteca*, Buenos Aires, n. 4-5, p. 26-31, 2006.

\_\_\_\_\_. “Prólogo a la segunda edición. Onetti 2009”. In: *Onetti. Los procesos de construcción del relato*. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. *Aqui América Latina: uma especulação*. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013 [2010].

\_\_\_\_\_. Crítica Literária Hoje - II Seminário Internacional de Crítica Literária (2011). [S.L]: Itáu Cultural, 2011. 1 vídeo (105 min). Disponível em: <https://youtu.be/oJOCCZkG0is>. Acesso em 20 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. *Intervenções críticas*. Org. Teresa Arijón e Bárbara Belloc. Rio de Janeiro: Azogue, Circuito, 2014.

\_\_\_\_\_ & LAMBORGHINI, Osvaldo. “Por Macedonio Fernández - Apuntes alrededor de 35 versos de Elena Bellamuerte”. In: Germán Garcia et. al. *Literal 2/3*. Biblioteca Nacional, 2011 [1975], p. 221-235.

MAGRI, Ieda. *Três histórias com Piglia*. Rio de Janeiro: Compouco Edições, 2021.

MANZONI, Filipe. *Ludere-illusio* ou a autonomia contingente. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1. p. 226-240, mar. 2021.

MARAZZI, Christian. *O lugar das meias: a virada linguística da economia e seus efeitos sobre a política*. Trad. Paulo D. Onetto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009 [1996].

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007 [1846].

MILONE, Gabriela; JORGE, Julia; SANTUCCI, Silvana. "Perspectivas materialistas en escrituras contemporáneas". *Recial*, v. XI, n. 18, s. p., 2020.

MORENO, María. *La Comuna de Buenos Aires*. Relatos al pie de 2001. Buenos Aires: Capital intelectual, 2011.

MU. "Josefina, La grande". *Revista Mu*, n. 39. Buenos Aires: lavaca ediciones, octubre 2010, p. 14-15.

NUNES, Rodrigo. “Generación, acontecimiento, perspectiva. Pensar el cambio a partir de Brasil”. *Nueva sociedad*, n. 251, p. 42-54, 2014.

PAS, Hernan. “El riesgo bromista. Entre territorios, deícticos y valores ‘post’. A propósito del último libro de Josefina Ludmer”. *Katatay*, n. 8, p. 142-7, 2010.

PIGLIA, Ricardo. “Parodia y propiedad” In. *Crítica y ficción*. 1ª ed, Buenos Aires: Debolsillo, 2014 [1986].

PEDROSA, Celia et. al. “Pós-autonomia”. In: *Indiccionario do contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

PELLER, Diego. *Pasiones teóricas*. Literatura y crítica en los setenta. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2016.

\_\_\_\_\_. “Notas sobre el ‘affaire PDF’ seguidas de una modesta proposición”. *Otra parte*. 21 mai. 2020. Disponível em: <https://www.revistaotraparte.com/discusion/notas-sobre-el-affaire-pdf-seguidas-de-una-modesta-proposicion/>. Acesso em 15 abr. 2022.

PÉREZ GRAS, María Laura. “Las paradojas del desencanto. Ucronía y utopia en *Las Aventuras de la China Iron*”. *Letras*, n. 83, p. 38-51, enero-junio, 2021. Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/LET/article/view/3718>. Acesso em 15 abr. 2022.

PINHEIRO, Tiago G. “O próprio, a propriedade e o apropriado: variações em torno da ideia de ‘Literaturas pós-autônomas’ de Josefina Ludmer”. *Landa*, v. 1, n. 2, p. 153-172, 2013.

RAMELLA, Juana. “(Re)fundación. una utopía cuir en la constitución del Estado argentino”. *SOCIOPOÉTICA*, Campina Grande v. 2, n. 22, p. 80-90, 2021.

90

REGAZZONI, Susanna. “Un estallido multicolor. El desierto argentino de Gabriela Cabezón Cámara”. *Oltreoceano*, n. 15, p. 205-216, 2019. Disponível em: <https://riviste.forumeditrice.it/oltreoceano/article/view/916>. Acesso em 20 abr. 2022.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. Trad. Eloisa Araujo. São Paulo: CosacNaify, 2015.

SVAMPA, Maristella. *As fronteiras do neoextrativismo na América Latina: conflitos socioambientais, giro ecoterritorial e novas dependências*. São Paulo: Elefante, 2019.

TORRE, Claudia. “Más allá de la letra: Literatura argentina y realidad política en la década de 1980”. *Prismas*, revista de historia intelectual, v. 14, n. 2, 2010, p. 177-181.

VALDATI, Nilceia. *Tempo das figuras: Agamben, Virno, Cacciari e Rella*. Tese de Doutorado em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VIÑAS, David. *Indios, ejército y frontera*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2003 [1982].

\_\_\_\_\_. *Dar la cara*. Buenos Aires: Siglo XX, 1975 [1962].

VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e revolução: a ideia de “mundo” entre a experiência sensível e a esfera pública*. Trad. Paulo Andrade Lemos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *Ambivalencia de la multitud*. Entre la innovación y la negatividad. Trad. Emilio Sadier y Diego Picotto. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

WOLFF, Jorge. “Josefina e Flora: pós-autonomia e crítica ficcional”. *Revista Letras*, Curitiba, n. 93, p. 33-51, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v93i1.43571>. Acesso em 22 abr. 2022.

\_\_\_\_\_. *Telquelismos latino-americanos*. A teoria crítica francesa no entre-lugar dos trópicos. Rio de Janeiro: Papéis selvagens, 2016.

YÉPEZ, Heriberto. “Después de las literaturas post-autónomas. Más allá de Josefina Ludmer”. *Co-Laboratorio de Crítica*. 1. dez. 2020. Disponível em: <https://colabdecritica.com/2020/12/01/post-autonomos/>. Acesso em 19 abr. 2022.



**Resumo:** Propondo um desvio das leituras que atribuem à última Josefina Ludmer uma posição insuficientemente crítica diante do modo de produção capitalista, destacando sua longa relação com teorias materialistas da leitura, consideramos neste artigo algumas ressonâncias de seu pensamento em *Las aventuras de la China Iron*, narrativa de Gabriela Cabezón Cámara (2017) que tem como guia a personagem Josephine. Com ela, discutimos *El género gauchesco: Un tratado sobre la patria* e as passagens “Da nação à língua” e “Da língua ao império”, propostas por Ludmer na seção final de *Aquí América Latina*, que implicam uma análise da posição latino-americana na geopolítica contemporânea. Interessa-nos, ainda, sublinhar sua apropriação de certas teorias biopolíticas para repensar os modos de ler, que ressoa em uma recente retomada do debate sobre a dependência estrutural das economias latino-americanas e de seu caráter extrativista, em paralelo a uma aproximação da crítica ao ativismo, da qual Cabezón Cámara tem participado.

**Palavras-chave:** Josefina Ludmer; Gabriela Cabezón Cámara; materialismo histórico; territorioafecto; teoria da dependência; pós-autonomia

**Abstract:** Proposing a detour from the readings that attribute to the last Josefina Ludmer an insufficiently critical position in the face of the capitalist mode of production, highlighting her extensive relation with materialist theories of reading, this essay consider some resonances of her thought in *Las aventuras de la China Iron*, Gabriela Cabezón Cámara’s narrative, which has the character Josephine as its guide. With her, we discuss *El género gauchesco: un tratado sobre la patria* and the excerpts “Da nação à língua” and “Da língua ao império”, proposed by Ludmer in the concluding section of *Aquí América Latina*, where we find her analysis of the latin-american position in contemporary geopolitics. We are interested, still, in her appropriation of certain biopolitical theories to rethink the *modes of reading*, which resonate with a recent revival of the debate about the structural dependency of latin-american economies and their extractivist character, in parallel to an approach between criticism and activism, in which Cabezón Cámara has been participating.

**Keywords:** Josefina Ludmer; Gabriela Cabezón Cámara; historical materialism; territorioafecto; dependency theory; post-autonomy.